

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)

“MALDITO, MALDITO CRIADOR!”: UMA ANÁLISE DA CRIAÇÃO E DA RESPONSABILIDADE DO CRIADOR EM FRANKENSTEIN, DE MARY SHELLEY¹

“CURSED, CURSED CREATOR!”: AN ANALYSIS OF CREATION AND THE
CREATOR’S RESPONSIBILITY IN FRANKENSTEIN, BY MARY SHELLEY

Giovanne Carlos de Morais²

Cosmo Jadson Alves Leite³

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar como o romance Frankenstein, de Mary Shelley, problematiza a criação e a responsabilidade do criador, destacando seu potencial como ferramenta literária para reflexões éticas, filosóficas e sociais. A pesquisa desenvolve-se por meio de uma abordagem qualitativa, com foco em análise bibliográfica, explorando o contexto histórico e literário da obra, especialmente as tensões entre Iluminismo e Romantismo. A partir da relação entre Victor Frankenstein e sua criação, investigam-se as implicações morais e os limites da ambição humana, evidenciando como o romance antecipa debates contemporâneos sobre ciência, ética e tecnologia. Conclui-se que Frankenstein ultrapassa seu tempo ao oferecer uma crítica profunda sobre os perigos do poder criativo dissociado da responsabilidade, configurando-se como uma obra fundamental para o pensamento crítico interdisciplinar.

Palavras-chave: Mary Shelley; Frankenstein; responsabilidade; criação; literatura.

ABSTRACT: This study aims to analyze how the novel Frankenstein, by Mary Shelley, explores the themes of creation and the creator’s responsibility, highlighting its potential as a literary tool for ethical, philosophical, and social reflection. The research follows a qualitative approach, grounded in bibliographic analysis, and investigates the historical and literary context of the novel, especially the tensions between Enlightenment and Romanticism. Through the relationship between Victor Frankenstein and his creation, the study examines moral implications and the boundaries of human ambition, revealing how the novel anticipates contemporary debates on science, ethics, and technology. It is concluded that Frankenstein transcends its time by offering a profound critique of the dangers of

¹Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Letras/Inglês, da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), campus Caraúbas, como requisito total para obtenção do título de licenciado em Letras/Inglês, em 2025.1.

²Discente do curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa. E-mail: giovanne.morais@alunos.ufersa.edu.br.

³Professor orientador. E-mail: cosmo.leite@ufersa.edu.br.

creative power dissociated from responsibility, establishing itself as a key work for interdisciplinary critical thought.

Keywords: Mary Shelley; Frankenstein; responsibility; creation; literature.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo propõe uma reflexão sobre a criação e a responsabilidade do criador, a partir da análise do romance *Frankenstein*, de Mary Shelley, evidenciando seu potencial como ferramenta literária para discussões éticas, filosóficas e sociais. Publicada em 1818, a obra ultrapassa os limites de sua época ao tratar de temas que permanecem atuais, como os dilemas da ciência, os limites da ambição humana e a ética no uso do conhecimento. Considerada precursora da ficção científica, a narrativa também é profundamente influenciada pelas principais correntes intelectuais do século XIX, especialmente o Iluminismo e o Romantismo, que contribuem para sua densidade estética e filosófica.

Ao abordar a figura do cientista e sua criação, Shelley levanta questões fundamentais sobre a responsabilidade diante das consequências dos próprios atos, sobretudo quando essas ações interferem diretamente na vida em sociedade. A investigação parte da seguinte pergunta: *de que maneira Frankenstein discute a responsabilidade do criador e como essa abordagem pode servir como instrumento para pensar criticamente sobre ética e os limites da ciência?*

Para responder a essa questão, este trabalho adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica, com foco na análise textual de Frankenstein. O trabalho na área da pesquisa bibliográfica é fundamental para a literatura não só por sua visão literária, mas por sua capacidade de se relacionar com diferentes contextos socioculturais, dando àquele que pesquisa o conhecimento sobre outras épocas, como afirma Gil (2008) ao destacar que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato com o que já foi produzido sobre o assunto, proporcionando o exame de um conjunto de contribuições que servirão de suporte à análise de seu problema (Gil, 2008, p. 44).

Nesse sentido, o estudo foi dividido em três etapas principais, cada uma conforme os objetivos definidos. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa teórica e histórica, objetivando contextualizar a obra no período em que foi produzida. Essa etapa inclui o levantamento de informações e teorias a respeito dos movimentos intelectuais do Iluminismo e do Romantismo,

fazendo uso de fontes teóricas que trazem relevância para a análise, como os textos de Araújo (2018) e Almeida (2018). Esse cenário permite compreender como as ideias filosóficas e científicas da época influenciaram o enredo e as personagens do romance.

Na etapa seguinte, foi feita uma análise textual, utilizando trechos específicos da obra para examinar a representação da relação entre criador e criação. A partir de autores como Almeida (2023) e Melo dos Santos (2022), foram exploradas questões éticas, filosóficas e psicológicas presentes na narrativa, com ênfase nos dilemas vividos por Victor Frankenstein e sua criatura.

Por fim, a terceira etapa foi destinada à reflexão interdisciplinar sobre a utilidade da obra *Frankenstein* em debates contemporâneos. Essa análise buscou estabelecer conexões entre os impasses éticos apresentados na obra e questões atuais, como a responsabilidade científica e os limites da tecnologia, apoiando-se em estudos de Soares (2023) e Leszczynski (2023), de modo a garantir uma análise crítica que conecta o contexto histórico da obra às problemáticas contemporâneas. Assim, a metodologia proposta buscou não apenas explorar os aspectos literários de *Frankenstein*, mas também evidenciar sua importância como um texto que ultrapassa os limites da ficção e se relaciona com questões fundamentais da humanidade.

Nesse sentido, foi válido recorrer à conceituação de Ávila (1967, p. 1), ao afirmar que “a responsabilidade é [...] estar em condições de responder pelos atos praticados, de justificar as razões das próprias ações. De direito, todo o homem é responsável”. Essa definição permitiu estabelecer um paralelo com o cenário científico atual, no qual o constante avanço tecnológico exige posturas cada vez mais conscientes e comprometidas com o coletivo. Muitos dos impactos causados por inovações científicas têm repercussões diretas ou indiretas sobre a vida das pessoas, o que torna fundamental a presença de critérios éticos no desenvolvimento de tecnologias.

No plano literário, o tema da criação e da responsabilidade do criador tem sido explorado por diversos autores, revelando sua relevância universal. Em *Frankenstein*, Shelley trata dessas questões de forma complexa e sensível, permitindo uma leitura crítica que vai além da ficção e se estende sobre os dilemas contemporâneos. A obra, inserida em um período de intensos debates sobre ciência, moralidade e natureza humana, antecipa discussões que hoje envolvem áreas como bioética, inteligência artificial e sustentabilidade. Dessa forma, refletir sobre *Frankenstein* sob a ótica da criação e da responsabilidade não se limita ao campo da literatura, mas alcança também os domínios da ética e da filosofia. A obra se mostra especialmente pertinente em um mundo cada vez mais moldado pela tecnologia, no qual se faz urgente pensar as consequências dos atos humanos. Ao reunir elementos históricos, filosóficos

e literários, esta pesquisa buscou ampliar a compreensão sobre a narrativa de Shelley e destacar sua importância como instrumento formativo e crítico frente aos desafios da contemporaneidade.

O terror gótico é um subgênero literário que combina elementos de medo, mistério e decadência, que normalmente se projeta em espaços sombrios e isolados, como em castelos antigos, ruínas ou florestas. Mais do que causar medo, esse tipo de narrativa explora os conflitos internos dos personagens, mostrando suas angústias, traumas e dilemas morais através de ambientes pesados e símbolos marcantes.

Mesmo estando presente, o sobrenatural serve como um símbolo que representa uma metáfora para os medos psicológicos e sociais. Assim, o terror gótico se destaca ao incentivar uma reflexão profunda sobre as limitações da razão, a fragilidade humana e os aspectos sombrios da existência.

É importante observar que a tensão entre Iluminismo e Romantismo, tão presente na obra, traz à narrativa uma riqueza que vai além da história de terror gótico. De um lado, o Iluminismo valoriza a razão, o progresso científico e o domínio sobre a natureza; de outro, o Romantismo exalta os sentimentos, a subjetividade e os limites da racionalidade humana. Essa qualidade reflete no protagonista Victor Frankenstein, que representa o ideal iluminista ao buscar conhecer e manipular os mistérios da vida, mas que também é confrontado pelas consequências humanas e emocionais de seus atos, revelando o peso da culpa, do abandono e da responsabilidade negligenciada.

Nesse embate simbólico entre ciência e consciência, Shelley antecipa questões que só mais tarde ganhariam espaço sistemático no campo da bioética. A criatura, por sua vez, é mais do que um produto científico: é um sujeito que sente, sofre e questiona sua própria existência. A ausência de acolhimento por parte do criador reforça a tragédia da narrativa e explicita o descaso com os efeitos das ações humanas sobre aquilo que é gerado, criado ou alterado artificialmente. A obra, portanto, não condena o avanço científico em si, mas chama atenção para a necessidade de refletir sobre o que se faz com esse conhecimento e sobre quem assume as consequências de tais decisões.

Ademais, o romance permite uma leitura que ultrapassa a dicotomia bem/mal, criador/criatura, cientista/monstro, ao apresentar personagens complexos e profundamente humanos em seus conflitos. Tanto Victor quanto a criatura são movidos por desejos legítimos – o primeiro, pelo conhecimento; o segundo, pelo afeto – e ambos sofrem os efeitos de uma relação marcada pelo abandono e pela negligência. Esse aspecto contribui para uma

compreensão mais empática e crítica da história, ao passo que convida o leitor a questionar não apenas os limites da ciência, mas também os limites da própria humanidade.

Por fim, ao tomar *Frankenstein* como objeto de estudo, este trabalho reforça a relevância da literatura como espaço de reflexão e construção de pensamento crítico. A narrativa de Mary Shelley permanece atual porque toca em pontos centrais da condição humana e da sociedade moderna: o desejo de criar, o medo do fracasso, a busca por reconhecimento e o dever ético diante do outro. Ao articular esses elementos com os desafios contemporâneos, a obra se afirma como uma ferramenta potente para pensar as implicações sociais, morais e filosóficas daquilo que se produz — na ciência, na arte, na política ou na vida cotidiana. Assim, mais do que um romance do século XIX, *Frankenstein* é um espelho simbólico de nossos próprios dilemas atuais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico é uma etapa fundamental deste trabalho, pois oferece a base conceitual necessária para se ter a compreensão e análise do objeto de estudo. A partir do estudo do trabalho de autores e teorias colaborativas, busca-se construir uma construção sólida que sustente a discussão, possibilitando uma reflexão crítica e aprofundada sobre o tema.

Dessa forma, serão apresentados, inicialmente, nesse referencial teórico: o romance gótico e o monstro na literatura: um parecer teórico; e, em seguida, Mary Shelley e seu *Frankenstein*: do contexto histórico ao social. Trabalhos como o de Almeida (2018), Araújo e Boccari (2018) trazem conceitos, abordagens e perspectivas que dialogam diretamente com os objetivos propostos, contribuindo para a fundamentação e desenvolvimento da pesquisa.

2.1 O Romance Gótico e o Monstro na Literatura: um Parecer Teórico

O gênero literário gótico faz análises a respeito de temas sombrios, misteriosos e intensamente emocionais e, por vezes, surge explorando o sobrenatural e atravessando os limites do desconhecido. Dentro desse contexto, “o monstro aparece como uma peça central, tanto na metáfora como literalmente, com a intenção de fazer reflexão sobre as inquietações humanas” (Sá, 2015, p. 15). Em *Frankenstein*, de Mary Shelley, a figura do monstro recebe um destaque maior por transcender a simples personificação do medo, tornando-se símbolo das ambições humanas e dos dilemas éticos e morais conectados à criação.

O romance gótico, além de sua característica sombria e sua relação direta com o sobrenatural, também tem como característica a fuga e a ruptura com as normas da ciência e da sociedade. Alguns elementos como paisagens desoladas, ruínas de casarões ou castelos e personagens atormentados trazem maior reforço ao sentimento de medo e mistério que envolvem as narrativas desse gênero. No entanto, o gótico não se resume a paisagens grotescas e desoladas; ele se fundamenta em tensões sociais, como afirma Sá (2015):

[...] a ficção gótica não é um gênero velho e empoeirado, tampouco a leitura que se faz desses textos é algo estanque. Na busca de significados sobre o que é gótico, adentra-se uma arena aberta para debates sobre questões de linguagem, cultura e relações de poder em contextos sociais e históricos. Tanto a forma literária quanto às reflexões críticas sobre o gótico são permeadas por vozes dissidentes que buscam explicar algo sobre esse modo discursivo que há séculos resiste às mudanças socioculturais e transições políticas (Sá, 2015, p. 14).

Assim, *Frankenstein* está diretamente inserido nesse contexto quando faz a abordagem não apenas do medo do desconhecido, mas também dos perigos impostos pelo avanço científico moralmente fora de controle e as representações sofridas pela criatura de Victor, como acentua Punter (1996).

Além disso, o gótico faz uso da dualidade entre razão e emoção, mostrando dilemas que ultrapassam o cenário da literatura e se introduzem em questões filosóficas e sociais. Em *Frankenstein*, essa característica da dualidade aparece na figura do próprio criador, Victor, que, mesmo tendo motivação na busca por conhecimento, acaba se rendendo ao descontrole de suas próprias ações. Dessa maneira, a obra não apenas é um marco do gênero gótico, mas traz também muita amplitude ao debate sobre os limites da ambição humana e os perigos de desafiar as leis naturais.

A adaptação da narrativa, intercalada por cenários frios, sombrios e solitários, ajuda a intensificar a atmosfera opressiva do romance, expondo simbolicamente o isolamento emocional e existencial dos personagens. Victor Frankenstein e sua criatura são figuras que transmitem no ponto mais distante: razão e emoção, criação e destruição, humanidade e monstrosidade. “A literatura gótica permite, dessa forma, um grande aprofundamento na complexidade do ser humano, uma vez que esse gênero reflete medos, desejos e inquietações que atravessam contextos históricos e culturais” (Botting, 1996, p. 2). Baseado nesse pensamento de Botting (1996), pode-se analisar que *Frankenstein* utiliza essa estrutura para levantar questionamentos a respeito dos efeitos colaterais do progresso científico e tecnológico quando falta uma devolução de caráter moral que o suporte.

Almeida (2023) analisa a monstruosidade em *Frankenstein* como algo que supera a aparência física, ressaltando-a como um resultado das ações humanas, que ultrapassam os limites éticos. O monstro, rejeitado por seu criador e pela sociedade, transforma-se em uma metáfora das falhas humanas, em especial no que toca à incapacidade de lidar com seus atos e suas responsabilidades. Essa rejeição é o estopim para sua degradação moral, mas, ao mesmo tempo, também é uma denúncia das fragilidades de uma sociedade que marginaliza aquilo que não compreende ou que é diferente daquilo exigido pela norma.

Ao negar a criatura um lugar de pertencimento e de afeto, Victor contribui para o desenvolvimento do comportamento de seu “filho”, fazendo com que a monstruosidade não seja uma condição própria dele, mas sim consequência de abandono, preconceito e solidão. Essa leitura reforça a ideia de que o verdadeiro “monstro” pode não ser aquele que tem uma aparência grotesca, mas aquele que foge de sua responsabilidade diante daquilo que criou. O monstro, nesse sentido, revela mais sobre a falência do homem do que sobre sua natureza essencial.

Araújo, Almeida e Boccari (2018) aprofundam com uma maior riqueza de detalhes o debate sobre o mito em *Frankenstein* no imaginário ocidental, confirmando que a relação entre criador e criatura atua como um reflexo das tensões culturais e sociais da época. O século XIX foi marcado por importantes descobertas científicas, mas também por grandes preocupações sobre até que ponto o homem deveria interferir nas leis da natureza. O romance de Shelley, ao trazer essa problemática à essa questão, insere-se como crítica a um mundo que, embora esteja fascinado pelos avanços tecnológicos, nem sempre está preparado para lidar com suas consequências.

A figura do cientista solitário, obcecado e desconectado da realidade afetiva e social, introduz a crítica à ciência desumanizada. Victor Frankenstein é apresentado como um ser brilhante, porém, desprovido de senso de responsabilidade. Sua queda moral não se deve ao ato de criar, mas à sua recusa em assumir as implicações de sua criação. A negligência, o medo e a fuga são características formadoras do seu comportamento diante da criatura, elementos que trazem à tona o fracasso ético por trás da ciência exercida sem limites morais.

Por sua vez, Santos (2022) faz uma análise do conceito do duplo na obra, lembrando que o monstro faz a representação da extensão ou reflexo das próprias falhas do seu criador, Victor Frankenstein. A criatura nesse caso se torna o “outro” de Victor, herdando seus medos, ansiedades e seu lado obscuro, o que contribui para uma leitura psicanalítica do romance e aumenta a idealização do monstro como um símbolo de auto confronto e das consequências de

ações irresponsáveis. Essa perspectiva aponta para um embate interno, onde o “monstro exterior” é também uma projeção do “monstro interior”.

2.2 Mary Shelley e seu *Frankenstein*: do contexto histórico ao social

Escrito no início do século XIX, *Frankenstein* reflete sobre as mudanças na ciência, filosofia e sociedade da época, como também as discussões a respeito do progresso humano e seus limites. Mary Shelley, dentro do contexto da Revolução Industrial e sofrendo influência do Iluminismo e do Romantismo, escreve sua obra como uma crítica às ambições desenfreadas da ciência e ao distanciamento ocasionado pelas transformações na sociedade.

Soares e Leszczynski (2023) apontam que Mary Shelley usou *Frankenstein* como um suporte para questionar a atuação da ciência no contexto social e cultural. A obra é escrita em um período de intensa discussão a respeito das fronteiras éticas dos experimentos científicos, que aparece na história de Victor Frankenstein e sua tentativa de superar os limites da natureza. Essa abordagem transforma o romance em uma crítica não apenas no campo científico, mas também, no contexto social, quando expõe as consequências da negligência e da falta de responsabilidade do criador:

A obra de Mary Shelley, ao apresentar a criação de um ser artificial, não apenas reflete os avanços científicos de sua época, mas também serve como suporte para questionar os limites éticos e as responsabilidades da ciência diante das implicações sociais e culturais de suas práticas (Soares; Leszczynski, 2023, p. 3).

A figura de Victor Frankenstein, o jovem cientista com uma grande obsessão em descobrir os segredos da vida, pode ser entendida como um reflexo das inquietações do período em que a obra foi publicada, ou seja, no século XIX. Em um tempo em que a ciência começava a romper com os limites tradicionais e a desafiar explicações religiosas ou filosóficas sobre a vida e o universo, surgia também o medo sobre onde esses avanços poderiam levar a humanidade. Assim, Shelley antecipa esses debates que, séculos mais tarde, ainda aparecem nas discussões sobre biotecnologia, inteligência artificial e manipulação genética, destacando o perfil futurista da sua criação.

Aliado a isso, Araújo, Almeida e Boccari (2018) colocam em evidência a importância histórica do mito de *Frankenstein*, mostrando como ele permanece vivo nas tensões entre o avanço da ciência e as exigências da ética. Analisar a sociedade da época em que Mary Shelley escreveu o romance é crucial para a compreensão sobre a criação do monstro como um sinal de

alerta a respeito dos riscos de negligenciar as implicações morais e sociais daquilo que escolhemos fazer. Victor Frankenstein representa, dessa maneira, não apenas o papel do cientista ambicioso, mas também um símbolo de um projeto moderno de humanidade que, ao negligenciar a responsabilidade ética, falha em sua missão de aperfeiçoamento humano.

Nesse sentido, o romance abrange as principais angústias que são fruto das transformações da Revolução Industrial: o avanço das máquinas, a substituição da força humana pelo trabalho mecânico e a aceleração dos processos produtivos causavam tanto admiração quanto medo. *Frankenstein*, ao apresentar uma criatura feita a partir de restos humanos animados pela ciência, reflete a ideia de um ser artificial, gerado não pela natureza, mas sim fora do ciclo natural da vida. Assim, a criatura representa a desumanização que poderia surgir a partir do domínio tecnológico sem limites, tornando-se uma metáfora não apenas para o monstro literal, mas também para os efeitos colaterais causados pelos avanços tecnológicos modernos.

Shelley, portanto, não apenas apresenta sua obra ao mundo do romance gótico, mas também a elabora com forte atributo social e filosófico. A divergência entre o racionalismo iluminista e o sentimentalismo romântico aparece em diversos momentos da obra, trazendo a complexidade do contexto intelectual vivido pela autora. Victor representa o racionalismo extremo, que busca dominar a natureza a qualquer custo, como ilustra a citação a seguir, “A filosofia natural foi a entidade que governou meu destino.” Shelley, (2021, pág. 57). Em contrapartida, sua criatura manifesta sentimentos profundos, desejo de pertencimento e busca por aceitação, aspectos que se assemelham às características do Romantismo, como nesta citação a seguir, “Por toda parte vejo felicidade, da qual somente eu sou irrevogavelmente excluído. Era benevolente e bom, mas a infelicidade me tornou uma criatura malvada.” Shelley (2021, pág. 142). A dualidade, nesse caso, não está apenas nos personagens, mas na própria estrutura do pensamento moderno que Shelley questiona em sua escrita.

Almeida (2023) explora como Shelley transcendeu os limites do gótico tradicional ao adicionar elementos sociais e políticos na sua narrativa. Victor Frankenstein, como criador, é um símbolo da figura do cientista moderno, enquanto sua criação representa as consequências de um progresso que ignora totalmente a dimensão humana. Nesse contexto, *Frankenstein* se torna uma obra que ultrapassa a época que foi escrita e não mostra somente as preocupações existentes no século XIX, mas também, já trazia debates sobre preocupações contemporâneas sobre a ética e responsabilidade científica.

A crítica inserida na obra também relaciona o papel da mulher e a condição feminina naquela época. Embora Shelley não tenha colocado uma personagem feminina como

protagonista central do romance, a ausência de vozes femininas ativas pode ser vista como indicativa da exclusão da mulher dos processos que decidem as ações da ciência e suas consequências na sociedade.

As personagens femininas, como Elizabeth e Justine, são vítimas do contexto em que vivem, elas são subordinadas às decisões e os conflitos gerados por personagens masculinos. Essa forma de construção da narrativa expõe, de maneira subentendida, a crítica de Shelley à posição da mulher na sociedade patriarcal de sua época, marcada profundamente por limitações e silenciamentos. Mellor (1988), em seu trabalho *Mary Shelley: Her life, her fiction, her monsters*, afirma que:

Frankenstein, de Shelley, está profundamente preocupado com as consequências de negar às mulheres seus papéis como criadoras, cuidadoras e participantes tanto da esfera pública quanto da privada. A tentativa de Victor de usurpar o papel feminino da reprodução biológica leva não apenas à criação de um monstro, mas também à destruição de sua família e dele próprio (Mellor, 1988, p. 115, tradução nossa).

Portanto, a citação acima, mostra como a obra está ligada a discussões não só literárias, mas também, sociais. A longevidade da obra e suas atualizações constantes no imaginário cultural revelam sua profundidade e sua capacidade de se relacionar com diferentes épocas. O contexto histórico da autora não traz limites à leitura do romance, mas, pelo contrário, serve como ponto de partida para reflexões universais sobre o ser humano, a ciência, a ética e a sociedade. Ao juntar todos esses elementos com uma narrativa envolvente, Shelley constrói um legado literário que cruza os limites do tempo e mantém Frankenstein como uma das obras mais discutidas e adaptadas da literatura mundial. Posto isso, a seguir, a seção três analisa a obra e contextualiza os objetivos específicos do estudo, de forma a responder nossa questão de pesquisa.

3 QUEM É O VERDADEIRO MONSTRO? A CRIAÇÃO E A RESPONSABILIDADE DO CRIADOR EM FRANKENSTEIN; OU O PROMETEU MODERNO

Mary Shelley quando traz a expressão do “prometeu moderno” no subtítulo do seu romance, ela cria um elo direto entre Victor Frankenstein e a figura mítica de Prometeu. Prometeu é um personagem da mitologia grega, que busca ultrapassar os limites divinos impostos à ele. Na obra de Mary Shelley, a personagem de Victor Frankenstein tem o mesmo desejo e intenção, porém esses limites são os limites da natureza humana. Desafiando as leis naturais e se apropriando de um papel quase divino, Prometeu transcende os limites impostos por Zeus, rei

dos deuses, e rouba o fogo do Olimpo para entregá-lo aos humanos. Esse fato traz para ele sofrimento, isolamento e ruína.

O fogo roubado por Prometeu pode ser interpretado, trazendo para o contexto atual, como um símbolo do conhecimento racional e científico, ligando-se dessa maneira, ao pensamento iluminista de trazer luz através do conhecimento. Esse movimento filosófico do século XVIII defendia a razão como um guia principal para o progresso humano e colocava a ciência como uma ferramenta dominante sobre a natureza, que possibilita a melhoria da condição humana. Victor Frankenstein é um modelo para essa mentalidade iluminista, pois, sua obsessão pelo conhecimento era impulsionada por ideias de controle, progresso e superação dos limites humanos e naturais. Ao unir o Prometeu às ideias iluministas, Shelley incentiva uma reflexão mais aprofundada sobre os limites do saber humano e sobre a responsabilidade que exige qualquer forma de criação. Victor, não é apenas um cientista ambicioso, mas também, um símbolo do homem moderno que ao tentar dominar a natureza, se depara com as implicações éticas e emocionais exigidas pelo poder do seu conhecimento.

3.1 Investigação do contexto histórico e literário com foco nas ideias do Iluminismo e do Romantismo

Como já destacado, o contexto histórico e literário que influenciou *Frankenstein* está diretamente ligado às correntes intelectuais do Iluminismo e do Romantismo; esses dois movimentos construíram o pensamento das pessoas na Europa nos séculos XVIII e XIX. A filosofia Iluminista surgiu na Europa nos séculos XVII e XVIII, marcada pela valorização da razão, do conhecimento científico e da busca pelo progresso. Os pensadores iluministas acreditavam que por meio da razão e da educação, a humanidade se libertaria da ignorância, da superstição e do domínio total da igreja e da Monarquia. Ideias como liberdade, igualdade, tolerância religiosa e direitos da natureza humana foram essenciais nesse movimento, influenciando diretamente a Revolução Francesa e a Revolução Americana.

Em contradição aos pensamentos iluministas, surgiu o Romantismo no final do século XVIII. Esse movimento servia como uma reação a esse racionalismo iluminista. Os românticos valorizavam os sentimentos, a imaginação, a natureza e a vida humana. Para eles, nem tudo podia ser explicado usando a razão, como por exemplo, os sentimentos humanos, os mistérios da vida e a arte, que eram formas únicas de se conhecer o mundo. Enquanto o Iluminismo

defendia a ciência e o controle do homem sobre a natureza, o Romantismo priorizava a beleza daquilo que vinha da natureza e dos sentimentos.

O Iluminismo, que vem antes do Romantismo, apega-se diretamente à razão, ao método científico e ao progresso da humanidade, conceitos que estão presentes na obra de Shelley, principalmente na figura de Victor Frankenstein, como é possível de apreender pelo trecho a seguir, retirado da obra literária: “uma nova espécie iria me abençoar como seu criador e como sua fonte. Muitas naturezas felizes e magníficas passariam a dever sua existência a mim. Nenhum pai poderia reivindicar a gratidão de seu filho tão completamente quanto eu a delas” (Shelley, 2021, p. 67).

Esta citação da obra mostra o protagonista como um cientista obcecado pelo desejo de conquistar os mistérios da criação da vida; reflete a crença iluminista de que o conhecimento tem por dever ser utilizado para expandir os limites da natureza humana. No entanto, essa mesma ambição se mostra prejudicial quando Victor ignora as exigências morais de seus experimentos, gerando um ser do qual ele não aceita e tão pouco controla.

Já o Romantismo aparece em resposta ao racionalismo desenfreado do Iluminismo, dando valor à subjetividade, à natureza e às emoções. Shelley adota essa perspectiva ao apresentar a criatura como um ser que, apesar de sua aparência grotesca, é capaz de desenvolver sentimentos profundos e buscar um propósito no mundo:

Eu tinha sentimentos de afeto, e foram retribuídos com abominação e escárnio. Homem, você pode odiar, mas tenha cuidado! Suas horas serão de apreensão e infelicidade, e logo um raio irá se abater sobre você e retirar-lhe a felicidade de uma vez por todas (Shelley, 2021, p. 191).

A citação da obra apresentada mostra que, apesar de monstruosa, a criatura tinha sentimentos de afeto pela humanidade, mas que foram mudados pela abominação e escárnio humanos. A criatura não nasce monstruosa, mas sua marginalização e rejeição a transforma em um ser vingativo, transparecendo um dos temas centrais do Romantismo: o embate entre a essência natural do ser e a determinação do ambiente. Essa dualidade entre razão e emoção está presente em toda obra e sustenta o debate sobre os limites éticos do avanço científico.

O ponto de vista crítico ao progresso da ciência sem responsabilidade ética se encaixa na visão de autores como Araújo, Almeida e Boccari (2018), que destacam como *Frankenstein* se transforma em uma ferramenta para alertar sobre os perigos da ciência fora da moralidade.

Sua narrativa serve como um lembrete atemporal de que a verdadeira monstruosidade reside não na aparência física, mas nas atitudes cruéis e na

falta de humanidade que a sociedade pode mostrar em relação aos que são diferentes. Assim, a Criatura de Frankenstein continua a ecoar na consciência coletiva como um lembrete de que a busca por compreensão e empatia é essencial para um mundo mais compassivo e justo (Almeida, 2023, p. 59).

Almeida (2023) analisa a monstrosidade em *Frankenstein* como algo que supera a aparência física, ressaltando-a como um resultado das ações humanas que ultrapassam os limites éticos. O monstro, rejeitado por seu criador e pela sociedade, transformava em uma metáfora as falhas humanas, em especial no que toca à incapacidade de lidar com seus atos e suas responsabilidades.

O que significa, por outras palavras, que Frankenstein ilustra bem “o mito da educação como fabricação” Meirieu (1996: 41-56). O pedagogo e o educador têm como missão fazer, formar, “fabricar”, modelar, moldar, esculpir a natureza infantil, adolescente ou até mesmo adulta através da cultura: aqui reside na verdade o fascínio e o temor do pedagogo ou do educador (Meirieu, 1996, p. 41-56 apud Araújo; Almeida; Boccari, 2018, p. 111).

Araújo, Almeida e Boccari (2018) citam Meirieu (1996) e detalham com maior profundidade o debate sobre o mito em Frankenstein no imaginário ocidental, confirmando que a relação entre criador e criatura atua como um reflexo das tensões culturais e sociais da época. A falta de equilíbrio na relação entre Victor e sua criação, marcada pela rejeição e pela negligência, representa o resultado de uma ciência sem responsabilidade ética, atuando como uma crítica ao progresso desenfreado e suas consequências.

A relação entre criador e criatura é, portanto, não apenas um jogo de causa e efeito, mas um espelho simbólico que reflete diretamente às profundezas humanas. Victor e sua criação formam um sistema de espelhamento que mostra as ambiguidades do ser humano quando detém o poder de transformar e destruir. A criação monstruosa não surge do acaso, mas dá arrogância e da vaidade, e serve como representação do que pode ocorrer quando a humanidade ignora os próprios limites em nome do progresso.

Nessa perspectiva, entende-se que com esse raciocínio, que *Frankenstein* reafirma o potencial do romance gótico como espaço de crítica social, filosófica e moral. O monstro é, ao mesmo tempo, vítima e agente de destruição revelando que os limites entre vilão e herói, bem e mal, natural e antinatural são sutis e construídos dentro de contextos socioculturais específicos. A obra, ao explorar essa complexidade, mantém sua relevância e importância mesmo após dois séculos de sua publicação, convidando leitores de épocas distintas a fazerem reflexões sobre as consequências do ato de criar e sobre aquilo que define, afinal, a verdadeira monstrosidade.

Dessa forma, o romance conversa de forma direta com questões que se tornaram ainda mais urgentes na contemporaneidade, como a bioética e os riscos do desenvolvimento da tecnologia sem controle. Desse modo, o estudo do contexto histórico e literário permite compreender não apenas aquilo que influenciou a construção da narrativa pela época que foi escrita, mas também a atualidade dos dilemas abordados por Shelley.

3.2 Identificação das representações da relação entre criador e criação no romance considerando questões éticas e filosóficas

Em *Frankenstein*, a relação entre criador e criação se torna um dos pontos mais complexos da obra, trazendo ao público-leitor a dinâmica de poder entre aqueles que detêm o conhecimento e aqueles que estão sendo moldados por ele, fazendo referência principalmente à irresponsabilidade científica. Victor Frankenstein se posiciona como um deus ao criar a criatura, no entanto, falha quando não assume a sua responsabilidade como pai ao rejeitá-lo imediatamente. Esse abandono condena a criatura a uma vida de isolamento e também põe em evidência a negligência daquele que o criou quando se recusa a assumir a responsabilidade moral de seu experimento. Com isso, surge uma questão ética fundamental: até que ponto o criador deve ser responsabilizado por sua criação?

A obra faz sugestão de que a falta de responsabilidade do criador é o principal fator para a transformação da criatura em um ser solitário e violento. No início, a criatura busca aproximar-se dos seres humanos, buscando conexão com as pessoas e aprender como elas vivem. Ela demonstra uma sensibilidade que faz contraste com a sua aparência física assustadora. Contudo, a rejeição contínua – primeiramente, por parte do seu criador e, posteriormente, da sociedade – a leva a desenvolver ressentimentos, desejos vingativos e questionamentos sobre sua própria existência.

– Maldito, maldito criador! Por que continuei vivo? Por que não extingui naquele instante a centelha de vida que com tamanha petulância você me inculcou? Não sei dizer. O desespero ainda não havia se apoderado de mim. Meus sentimentos eram de raiva e desejo de vingança (Shelley, 2021, p. 134).

Diante do exposto, a relação entre criador e criatura revela questões sociais subentendidas na sociedade do século XIX. O abandono do monstro por Victor pode ser lido como uma crítica à alienação das classes dominantes em relação às consequências de seus atos. O monstro, rejeitado e marginalizado, sofre com o preconceito, com a solidão e com a falta de

acolhimento, elementos que Shelley introduz de forma a dialogar com questões sociais como exclusão, desigualdade e marginalização. A criatura torna-se, dessa forma, um símbolo daqueles que são segregados pela sociedade por não se encaixarem nos padrões exigidos.

A figura de um criador que abandona sua criação dada a Victor Frankenstein permite uma reflexão ética que ultrapassa o campo literário e alcança debates atuais sobre ciência e tecnologia. Sua falta de responsabilidade pelas consequências causadas por sua criação, aponta o perigo do avanço da ciência sem uma consciência ética.

Sendo assim, à luz da filosofia de Hans Jonas, em *O Princípio responsabilidade* (2006), propõe uma ética direcionada para o futuro, fundamental em um mundo cada vez mais impactado pelo poder da técnica. O autor afirma que como algo criado e modificado pelo homem a natureza exige com suas mudanças, novas formas de pensar sua ética e cabe ao homem ter essas preocupações: "A natureza como uma responsabilidade humana é seguramente um *novum* sobre o qual uma nova teoria ética deve ser pensada" (Jonas, 2006, p. 41).

Essa ideia incentiva a necessidade de que o criador – científico, literário ou filosófico – leve em conta as implicações morais e sociais de seus atos, sabendo que há chance de, gerar situações irreparáveis. Assim, a criatura de Victor Frankenstein é um símbolo não apenas de rejeição, mas também a consequência de uma ação impensada, à semelhança entre as advertências feitas por Jonas sobre os riscos da tecnociência sem ética.

Outra característica relevante é o isolamento das personagens centrais do romance. Victor Frankenstein, ao se isolar da família e da sociedade em sua busca por conhecimento, perde gradativamente sua humanidade. O mesmo ocorre com a criatura que, ao ser excluída, desenvolve uma personalidade marcada pela dor, ressentimento e revolta. Esse duplo isolamento demonstra como a ausência de vínculos sociais e afetivos pode resultar em destruição, tanto do indivíduo quanto daqueles ao seu redor. Shelley, portanto, adiciona a sua obra uma poderosa crítica à desumanização apoiada por um ideal de progresso técnico-científico que exclui os valores da empatia, da responsabilidade e da solidariedade.

Almeida (2023) esclarece que a monstruosidade da criatura não se resume à sua aparência física, mas também na forma como as pessoas lhe tratam e principalmente como o seu criador. Dessa maneira, Shelley faz uma crítica sobre a forma como a sociedade marginaliza e segrega aqueles que são diferentes, reforçando o caráter filosófico e social do romance.

Além disso, Santos (2022) cita o conceito do duplo em *Frankenstein*. Ele argumenta que a criatura é um espelho que reflete diretamente os medos e falhas de Victor Frankenstein. O monstro incorpora as consequências da falta de responsabilidade de seu criador, mostrando simbolicamente o perigo de desafiar as leis naturais sem levar em conta seus efeitos.

Dessa forma, a relação entre Victor e a criatura não se resume a uma interação de mestre e criatura, mas representa a contraposição interna entre o desejo de conquistar poder e a incapacidade de assumir as consequências do uso desse poder. Ter essa visão é importante, pois reforça o inestimável valor das obras de Shelley que mesmo depois de tanto tempo escritas, ainda são capazes de trazer questões relevantes para o cenário contemporâneo, entre elas os dilemas éticos da inteligência artificial e da manipulação genética.

Por fim, o filósofo Hans Jonas, propõe em sua obra *O Princípio Responsabilidade* (2006), que, diante do poder desconhecido da tecnologia moderna, os seres humanos, especialmente os cientistas, inventores e desenvolvedores, devem agir conforme as exigências da ética voltada para o futuro, assumindo a responsabilidade pelas possíveis consequências de suas criações. A ausência dessa postura pode gerar desequilíbrios sociais, injustiças e até mesmo crises morais, como acontece com a criatura no romance de Mary Shelley, que se transforma em um ser violento e amargurado devido ao abandono e à rejeição social.

3.3 Avaliação do potencial da obra para reflexão sobre responsabilidade científica, ética e os limites da ambição humana

O potencial de *Frankenstein* para instigar reflexões a respeito da responsabilidade científica e ética é gigantesco; isso se intensifica se for levado em conta o cenário contemporâneo, onde os avanços tecnológicos como a inteligência artificial, a biotecnologia, a engenharia genética e a robótica estão diariamente abordando questões idênticas às aquelas trazidas na obra de Mary Shelley.

A ação de Victor Frankenstein em criar o monstro e depois abandoná-lo exemplifica de forma convincente casos que acontecem recorrentemente em que a ciência é trabalhada sem uma preocupação maior sobre suas implicações morais, sociais e éticas. A negligência de Victor Frankenstein não apenas provoca sofrimento à sua criação, mas dá surgimento e sequência a uma série de eventos trágicos que prejudicam tanto o próprio Victor quanto todos ao seu redor.

Dentro dessa perspectiva, a filosofia moral tem um papel essencial para compreensão sobre os limites da ação humana, sobretudo quando se trata da manipulação da natureza e da vida. Na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes* de Immanuel Kant (2009, p. 47) aparece como uma referência indispensável nesse debate, pois ela afirma que a ética “age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal”, o filósofo reforça essa ideia de que toda ação deve ser guiada por princípios que possam ser adotados de maneira universal e sem contradições.

Analisa-se, portanto, que Victor Frankenstein atua contrastando diretamente esse pensamento kantiano. Seu desejo de superar os limites da natureza e alcançar reconhecimento pessoal superam toda e qualquer reflexão ética que pudesse ter guiado suas escolhas. Ao criar vida sem levar em conta as responsabilidades que surgem dessa ação, Victor foge do princípio do dever moral, agindo de maneira irresponsável ignorando às consequências do próprio experimento.

No romance, pode-se observar uma clara denúncia às práticas da ciência que visam unicamente superar os limites, sem considerar os impactos daquilo que surge dessas escolhas. A falta de responsabilidade de Victor Frankenstein não está expressa somente na criação da criatura, bem como, na sua recusa em assumir sua criação, de orientá-la e integrá-la dentro do convívio social. Esse ato de extremo abandono reflete, de maneira simbólica, as atitudes de setores científicos que, costumeiramente, priorizam a inovação tecnológica sem medir de forma correta as consequências éticas e humanas de suas criações.

Quando o romance apresenta as consequências do experimento fracassado de Victor, não se limita a desenvolver um enredo fictício, mas oferece à sociedade uma reflexão sobre os dilemas humanos e os efeitos das escolhas individuais, como se espelhasse conflitos internos da própria autora. O romance se antecipa a discussões que, hoje em dia, aparecem como centrais em áreas como bioética, inteligência artificial e engenharia genética. De acordo com a análise de Soares e Leszczynski (2023), *Frankenstein* se consolida como uma ferramenta potente para discussões sobre os limites da ambição humana, apontando para o surgimento da necessidade urgente de se estabelecerem critérios éticos rigorosos que tragam orientação ao avanço científico. Ao ignorar esses critérios, dá-se margem para o surgimento de desequilíbrios sociais, violações de direitos e sofrimento generalizado.

A obsessão de Victor Frankenstein por conhecimento, unida à sua obstinação por desvendar os segredos da vida, torna-se uma metáfora do cientista que, movido pelo sentimento de vaidade e pelo desejo de superar os limites da natureza, ignora por completo os impactos éticos de suas ações. O fato de que sua criação tem o surgimento inicial com intenções que o desse reconhecimento no meio científico, se transforma em uma fonte de tragédias e dor, virando símbolo das possíveis consequências do progresso tecnológico sem limites.

Nesse sentido, o romance de Shelley não apenas representa os dilemas do século XIX, mas continua atual, demonstrando preocupações que se intensificam no século XXI. No romance, esses dilemas estão constantemente representados nas ações do criador. O trecho em destaque, escrito por Braulio Tavares em sua apresentação para a edição de *Frankenstein* da

editora autêntica, intitulada “A voz do monstro”, reafirma essa problemática da falta de responsabilidade do criador e o seu descaso com sua criação:

Na imensa proliferação de interpretações, exegeses e exames do livro de Mary Shelley, há um tema recorrente: o da culpa do cientista, não apenas por ter transposto o limite do proibido (“na Natureza há coisas que não é dado ao Homem descobrir”), mas também por ter produzido um ser igual a si mesmo e abdicado da responsabilidade em relação a ele, como um pai desnaturado que dá as costas a um filho que não desejou e o abandona à própria sorte⁴ (Shelley, 2021, p. 10).

O ciclo de destruição que aparece na vida de Victor e de sua criatura representa de maneira simbólica os possíveis perigos no avanço científico sem uma preocupação com a responsabilidade. Cada perda sofrida por Victor, seus familiares e amigos assassinados, sua saúde mental prejudicada e, por fim, sua própria morte, servem como uma punição indireta pela sua incapacidade de prever e assumir as consequências das suas atitudes como criador. Esse processo de narrativa confirma a necessidade de se ter sempre uma reflexão crítica sobre os limites da ambição humana, especialmente quando não respeitam os princípios éticos principais.

A reflexão interdisciplinar sugerida por Shelley se transforma, dessa forma, crucial para os debates na atualidade. O cientista não pode ser visto somente como um agente técnico, isolado em seus laboratórios e dedicado exclusivamente à construção do conhecimento. Ao contrário, ele é um agente social, que suas descobertas e invenções atingem diretamente a vida das pessoas e a organização da sociedade. Assim, Shelley antecipa perfeitamente as discussões contemporâneas sobre o papel da ciência e dos cientistas no mundo, apoiando uma prática científica que se preocupe não apenas com o sucesso tecnológico, mas também com os efeitos dele na vida das pessoas e que se preocupe com a ética em suas criações.

Dessa forma, a obra ultrapassa os limites da ficção científica e se consagra como um texto que traz reflexões profundas e necessárias sobre as escolhas da humanidade diante dos avanços científicos. Dessa maneira, *Frankenstein* continua como um alerta, que ultrapassa o tempo e adverte sobre os riscos da arrogância científica e da busca sem controle por poder e conhecimento. Ao expor os efeitos da irresponsabilidade do criador, Shelley incentiva uma reflexão que ainda hoje se mostra urgente: quais os limites da ciência? Até onde o ser humano

⁴Trata-se de um trecho do texto de apresentação escrito por Braulio Tavares na edição de *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, da editora Autêntica, de 2021, intitulado “A voz do monstro”. SHELLEY, M. **Frankenstein, ou O Prometeu Moderno**. Tradução de Luis Reyes Gil. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

pode e deve interferir nos processos da natureza? E, também, quais responsabilidades são obrigações daqueles que têm o poder de transformar, criar ou modificar a vida?

Portanto, é possível compreender que o romance de Shelley se torna uma representação poderosa da relação entre desenvolvimento científico e suas influências na sociedade. A falta de limites claros – assim como o desinteresse com as responsabilidades éticas – resulta em desequilíbrios que não afetam apenas o criador, mas toda a sociedade. Ao colocar na figura de Victor Frankenstein o símbolo do cientista obcecado e sem controle, Shelley faz um alerta sobre os perigos do avanço científico baseado apenas no desejo de conquistar reconhecimento sem compromisso algum com o bem-estar social.

A reflexão permitida pela obra se espalha ainda ao campo educacional, uma vez que Frankenstein pode ser utilizado como recurso didático em disciplinas que tenham foco em discutir sobre ética, bioética, filosofia, sociologia e ciências. A narrativa permite ainda, que estudantes e profissionais reflitam sobre dilemas atuais, como a manipulação genética, a produção de inteligências artificiais autônomas e os desafios éticos exigidos pela biotecnologia. Assim, Shelley, ao desenvolver um enredo concentrado na relação entre criador e criatura, oferece uma metáfora forte e precisa sobre os desafios da humanidade diante do próprio poder de criação.

Com isso, é notável que *Frankenstein* não é apenas um romance de terror, como em alguns casos é classificado, mas sim uma obra extremamente filosófica, capaz de criar debates que superam seu tempo. A angústia da criatura, o remorso do criador e a ocorrência de várias tragédias que estão por toda obra, são representantes simbólicos das tensões entre a ética, a ciência e a sociedade. O aviso de Shelley continua atual, no avanço da ciência, quando não está inserido em reflexões éticas e no compromisso social, tendo o potencial de causar consequências imprevisíveis e desastrosas.

Diante dessa situação, é indispensável que a sociedade contemporânea, e também os agentes científicos, analisem constantemente os princípios que guiam suas ações. A busca pelo conhecimento não pode, de maneira alguma, se tornar mais importante do que o respeito pela vida, pela dignidade social e harmonia na sociedade. *Frankenstein* permanece, então, como uma obra indispensável, pois seu poder de incentivar reflexões sobre os caminhos da ciência, sobre os desafios da ética e também sobre os limites da ambição humana é incomparável.

4 CONCLUSÃO

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar como o romance gótico *Frankenstein*, da autora Mary Shelley, problematiza a questão da criação e da responsabilidade do criador, como também suas implicações éticas, filosóficas e sociais. Com esse fim, buscou-se, por meio dos objetivos específicos, fazer uma investigação a partir do contexto histórico e literário da obra, com uma atenção maior ao que diz respeito às tensões entre o Iluminismo e o Romantismo, como também, identificar as representações da relação entre criador e criação e fazer uma reflexão sobre a atualidade dessas discussões, sobretudo, olhando para os avanços tecnológicos na ciência moderna.

A análise permitiu compreender que *Frankenstein* ultrapassa os limites da literatura, funcionando como uma poderosa crítica para os dilemas éticos relacionados ao avanço na área da ciência e da tecnologia. A obra põe em evidência como a busca desenfreada pelo conhecimento, sem atentar à responsabilidade, pode causar consequências trágicas, tanto para o criador quanto para sua criação. Foi possível observar que Mary Shelley, ao utilizar elementos do Gótico e do Romantismo constrói uma narrativa que questiona os limites dessa ambição humana, a falta de ética e os aspectos sociais das escolhas individuais e coletivas. Além disso, é evidente que o abandono e a rejeição da criatura por aquele que a criou são centrais na transformação daquele ser, antes inocente, em uma figura marcada pela dor, pela revolta e pela violência, reforçando as críticas à sociedade e aos valores daquela época.

Os resultados obtidos com a análise mostram a atualidade das reflexões indicadas pela autora, que permanecem extremamente importantes nos debates contemporâneos sobre bioética, inteligência artificial, engenharia genética e os limites da atuação da ciência. A obra oferece uma crítica importante à irresponsabilidade daqueles que criam, sejam eles, cientistas, desenvolvedores de tecnologias ou quaisquer agentes de transformação, ao mostrar que toda criação exige compromisso ético com as consequências de suas ações. Essa reflexão, então, ultrapassa o campo da literatura, trazendo contribuições para o entendimento de questões éticas universais, que permanecem desafiando a humanidade, em especial em uma época com um acelerado desenvolvimento da ciência.

É importante reconhecer que este estudo apresenta algumas limitações, como referente ao recorte teórico e a análise concentrada totalmente na obra *Frankenstein*, sem se estender em outras manifestações culturais ou adaptações contemporâneas que trariam uma riqueza maior à discussão. Além disso, o foco se manteve na análise textual e histórico-literária, trazendo uma investigação empírica sobre as preocupações atuais desse debate na sociedade.

Diante das reflexões desenvolvidas nesta pesquisa, é importante que pesquisas futuras sejam feitas explorando a relação entre a representação da responsabilidade do criador em *Frankenstein* e outras produções culturais, como filmes, séries, jogos e literatura contemporânea. Além disso, investigações interdisciplinares que fazem conexão entre literatura, bioética, direito e filosofia podem aumentar o campo da compreensão sobre os desafios éticos que envolvem a criação científica e tecnológica nos dias atuais.

Conclui-se, então, que *Frankenstein* permanece uma obra de extrema relevância, não somente como expressão dos limites de sua época, mas, também, como uma alerta que ultrapassa o seu tempo sobre os perigos da ambição sem limites, da falta de ética e da irresponsabilidade dos criadores sobre suas próprias obras. Assim, espera-se que este trabalho contribua para estimular reflexões não apenas na área literária, como também nos debates filosóficos, científicos e sociais sobre a responsabilidade humana diante das transformações que produzem no mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Helen Helfenstein. **Frankenstein, de Mary Shelley**: um estudo sobre a monstrosidade. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BOCCARI, Marcos (orgs.). **O mito de Frankenstein: imaginário e educação**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2018. 229 p. (Coleção Mitos da Pós-Modernidade; v. 1).

ÁVILA, Affonso Celso de. **Responsabilidade**: um estudo de Filosofia do Direito. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

BOTTING, Fred. **Gothic**. Londres: Routledge, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz João Baraúna. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 47.

MELLOR, Anne K. **Mary Shelley**: Her Life, Her Fiction, Her Monsters. New York: Routledge, 1988.

SÁ, Daniel Serravalle de (Org.). **O gótico em literatura, artes, mídia: ensaios em inglês e português**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EDUERJ), 2015.

SANTOS, Ewelyn Roanne Melo dos. **O Duplo em Frankenstein ou o Prometeu Moderno**. 2022. Monografia (Licenciatura em Letras – Inglês) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Orientadora: Prof^ª Dr^a Rosanne Bezerra de Araújo.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Editora DarkSide Books, 2017.

SHELLEY, M. **Frankenstein, or the modern Prometheus**. Londres: Penguin, 1994.

SHELLEY, M. **Frankenstein, ou O Prometeu Moderno**. Tradução de Luis Reyes Gil. 1^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SOARES, Isabelle Maria; LESZCZYNSKI, Taynara (Orgs.). **Um percurso pelas literaturas de língua inglesa**. Tutóia: Diálogos, 2023.

PUNTER, David. **The Literature of Terror: A History of Gothic Fictions from 1765 to the Present Day**. 2. ed. Vol. 1. Londres: Longman, 1996. 408 p.